



REVISTA ESPAÇO DE DIÁLOGO E DESCONEXÃO

Link: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/index>

“UMA PRESIDENTE FORA DE SI”: O ESTILO DILMA COMO UMA REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EXERCIDA SOBRE A MULHER NO CAMPO DO PODER

Paulo José de Carvalho Moura¹

DOI: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2020.v12i1.13859>

Palavras-chave

Estilo Dilma
Dominação Masculina
Relações de Poder
Violência Simbólica
Dilma Rousseff

Keywords

Dilma's Style
Male domination
Power Relations
Symbolic Violence
Dilma Rousseff

Palabras clave

Estilo Dilma
Dominación masculina
Relaciones de Poder
Violencia simbólica
Dilma Rousseff

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção de sentido acerca da figura da presidenta Dilma Rousseff - o chamado estilo Dilma - realizada pela mídia brasileira, argumentando que essa é mais uma forma de violência simbólica produzida pela dominação masculina acerca das mulheres que acessam espaços de poder, do que uma excepcionalidade isolada. Para isto, apresentamos uma revisão da literatura, tendo o referencial teórico voltado para a sociologia relacional de Pierre Bourdieu, sobretudo para os conceitos de dominação masculina, violência simbólica e doxa. Em seguida, tendo como metodologia a análise de conteúdo, realizamos uma análise da construção discursiva da edição *As explosões nervosas da presidente* da revista *IstoÉ*, publicada durante o mês de abril de 2016, momento em que tramitava na Câmara dos Deputados o processo de impeachment da chefe do Estado brasileiro.

ABSTRACT

“A PRESIDENT OUT OF HERSELF”: THE DILMA’S STYLE AS A REPRESENTATION OF SYMBOLIC VIOLENCE EXERTED ON WOMEN IN THE FIELD OF POWER

This article aims to analyze the production of meaning on President Dilma Rousseff’s style — named Dilma style - by the Brazilian media. The article argues that this is a form of symbolic violence produced by male domination in relation to women who access spaces of power, instead of an isolated exceptionality. In order to so, the literature review focuses on Pierre Bourdieu’s relational sociology as the main theoretical framework, in particular the concepts of male domination, symbolic violence and doxa. Subsequently, the content analysis carried out to examine the discursive construction of the magazine article “The Nervous Burts of the President” published by *IstoÉ* in April 2016 is presented, shedding light on the moment when the impeachment process of the head of the Brazilian State was underway in the Chamber of Deputies.

RESUMEN

“UNA PRESIDENTE FUERA DE SÍ”: EL ESTILO DILMA COMO UNA REPRESENTACIÓN DE LA VIOLENCIA SIMBÓLICA EJERCIDA SOBRE LA MUJER EN EL CAMPO DEL PODER

Este artículo tiene como objetivo analizar la producción de sentido acerca de la figura de la presidenta Dilma Rousseff - el denominado estilo Dilma - realizada por la prensa brasileña, argumentando que esa es más una forma de violencia simbólica producida por la dominación masculina sobre las mujeres que acceden los espacios de poder, que no es una excepcionalidad aislada. Para esto, presentamos una revisión de la literatura, con el marco teórico centrado en la sociología relacional de Pierre Bourdieu, especialmente para los conceptos de dominación masculina, violencia simbólica y doxa. Enseguida, utilizando la metodología de análisis de contenido, hacemos un análisis de la construcción discursiva de la edición “Las explosiones nerviosas de la presidenta” de la revista *IstoÉ*, publicada durante el mes de abril de 2016, cuando el proceso de juicio político de la jefe del Estado brasileño estaba ocurriendo en la Cámara de Diputados.

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCLAr-UNESP). ID ORCID: <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2020.v12i1.13859>. E-mail: paulo.moura@unesp.br

INTRODUÇÃO

Durante a sessão de julgamento do *impeachment* de Dilma Rousseff no Senado Federal em agosto de 2016, a então presidenta afastada afirmou, em resposta a uma pergunta da senadora Regina Sousa (Partido dos Trabalhadores do Piauí), que, por trás das denúncias de crime de responsabilidade fiscal, seu julgamento tinha forte “um componente de misoginia e de preconceito contra as mulheres” (ROUSSEFF, 2016, p.73). Não apenas nesse momento, mas em diversos outros pronunciamentos, a presidenta Dilma denunciou que as críticas que seu governo recebia tinham uma essência necessariamente sexista e machista. Observações empíricas nos indicam que as críticas proeminentes imputadas à sua figura pública e ao seu modo de governar tinham por base elementos estritamente relacionados com o seu gênero, ou seja, pelo fato de ser mulher (por exemplo, ao seu corpo, sua vestimenta, aspectos da sua aparência facial e também sua própria competência). Como observa Celi Pinto (2018), se por um lado, não se é possível atribuir a concretização do *impeachment* da chefe do Executivo brasileiro ao fato de “a esmagadora maioria dos representantes no Congresso Nacional era formada por homens, por outro, isto não afasta a presença das questões de gênero na trajetória de vida política da primeira presidente mulher no Brasil (PINTO, 2018, p.24).

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção de sentido acerca da figura da presidenta Dilma Rousseff — o denominado “estilo Dilma” — realizada pela mídia brasileira, argumentando que essa é mais uma forma de violência simbólica produzida pela dominação masculina acerca das mulheres que acessam espaços de poder do que uma excepcionalidade isolada. Para isto, tendo como metodologia a técnica de análise de conteúdo, analisamos a construção discursiva da edição *As explosões nervosas da presidente* da Revista IstoÉ, publicada durante o mês de abril de 2016, momento em que tramitava na Câmara dos Deputados o processo de *impeachment* da chefe do Estado brasileiro.

O texto está dividido da seguinte forma: além da Introdução, onde esmiuçamos as questões que motivaram nossa pesquisa, apresentamos uma primeira seção, na qual abordamos conceitos que constituem o aporte teórico desse texto, a sociologia relacional de Pierre Bourdieu, sobretudo os conceitos de dominação masculina, violência simbólica e doxa. Em seguida, apresentaremos as origens do processo de construção da figura pública da presidenta Dilma Rousseff, mais especificamente do chamado “estilo Dilma”, ao largo de sua trajetória política. Nosso argumento central é que este não é necessariamente um caso isolado, mas um exemplo das formas de dominação e desclassificação das mulheres que ascendem ao poder. E, por fim, a conclusão deste.

A BASE CONCEITUAL DA SOCIOLOGIA RELACIONAL DE BOURDIEU PARA APREENDER RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, DOXA E DOMINAÇÃO MASCULINA

Pierre Bourdieu, para quem o poder é relacional², afirma em *A dominação masculina* (2012) que a divisão dos sexos está inserida dentro de uma determinada ordem social das coisas, a qual permite determinar e categorizar o normal e o natural de forma objetivada. Assim, a divisão dos sexos estaria presente “em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” (BOURDIEU, 2012, p.17).

Bourdieu argumenta que existe uma associação entre o sexo biológico e as crenças e os hábitos sociais dos agentes. Para o autor, as diferenças biológicas entre os sexos (entre o corpo masculino e o corpo feminino), como também as diferenças da anatomia entre os órgãos sexuais, acabam por constituir uma “justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 2012, p.20). Nesse sentido, o mundo social “constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2012, p.18). Portanto, a definição da sexualidade, assim como o sentido dos corpos e seus respectivos papéis e funções, é dada socialmente, através de processos culturais, sendo composta e definida por relações sociais.

Segundo sua teoria, a ordem masculina se torna tão forte que dispensa justificativas, pois a “visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem a necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la” (BOURDIEU, 2012, p.18). Sem negar que também existem pressões sociais sobre o homem, especialmente no que se refere à afirmação de sua masculinidade, essas pressões são simbolicamente superiores para as mulheres, sobretudo na afirmação de sua feminilidade. É na imposição de uma ordem simbólica, que funciona como uma imensa máquina simbólica, que reside a força da dominação masculina.

²O autor redefine o poder como uma prática social construída historicamente e disseminada por toda estrutura social. Ao contrário das teorias convencionais que o conceberam como um atributo que poderia ser detido, Bourdieu vê as relações de poder que perpassam toda sociedade.

Assim, ressalta-se a importância ao considerar o conceito de violência de gênero como uma acepção mais ampla (que abrange não somente as mulheres, mas também crianças e adolescentes de ambos os sexos). Em diversos estudos realizados, Pierre Bourdieu (1989, 2005, 2012) discute o fenômeno da violência atento às produções simbólicas, relacionando-a ao exercício do poder simbólico. Para ele, a violência simbólica refere-se ao poder invisível entre o dominante e o dominado, se trata de uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento” (BOURDIEU, 2012, p.08-09) e que se “institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação)” (BOURDIEU, 2012, p.47).

De tal forma, a violência simbólica tem seu funcionamento calcado na naturalização das estruturas objetivas, isto é, a partir do processo de internalização de crenças que naturalizam a desumanização de indivíduos pertencentes a determinados grupos, como, por exemplo, a figura do negro associada com bandidagem, da mulher com fragilidade, do nordestino com imundice e preguiça. Ou seja, dicotomias que expressam o senso de julgamento do social.

Nesse sentido, a cultura de dominação masculina aparece como um tipo de senso comum, ou, como diria Bourdieu, como *doxa*, o que faz com que a violência simbólica imputada à mulher seja considerada normal e isso não muda quando estas mulheres estão em condições de dirigentes, como é o caso da presidenta Dilma. Aliás, o exercício do poder deixa essas relações de dominação mais expressivas, já que as mulheres no espaço do poder são estigmatizadas como mais fracas e vulneráveis na esfera corporativa e/ou política.

O conceito de doxa nos ajuda a entender a produção e a reprodução de uma cultura machista, já que, segundo Bourdieu (1989, 2012), a doxa se apresenta como um sistema de crenças aceito tacitamente por todos os integrantes de um mesmo espaço social. Em outras palavras, a doxa é o senso comum, ou seja, uma crença compartilhada por todos os indivíduos. Essa crença está relacionada, portanto, com o próprio ordenamento do espaço social, uma crença capaz de fundar uma “cumplicidade objetiva que está subjacente a todos os antagonismos” (BOURDIEU, 2003, p.121).

Considerando o referencial teórico apresentado nesta Introdução e buscando objetivar relações de poder, nas quais é exercida a dominação masculina, apresentaremos um estudo empírico (a partir da trajetória de Dilma Rousseff) da produção de sentido acerca do denominado “estilo Dilma”.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO “ESTILO DILMA”: UM CASO EMPÍRICO

Dilma Vana Rousseff³ nasceu em 14 de dezembro de 1947 na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. É filha do comerciante búlgaro *Pétar Russév* (imigrante naturalizado no Brasil com o nome Pedro Rousseff) e da professora primária Dilma Jane Coimbra da Silva. Desde muito jovem, mais especificamente, no período em que estava no colegial (atual ensino médio) no Colégio Estadual de Belo Horizonte, iniciou sua vida política com a participação ativa em movimentos estudantis e de militância política, algo que viria a se intensificar ao longo dos anos na luta contra a Ditadura Militar (1964-1985).

Em 1968, ingressou no curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), contudo, não concretizou a graduação, pois foi expulsa em virtude da perseguição política. Vivendo em clandestinidade, passou a atuar em organizações de resistência armada no combate ao regime militar, os chamados grupos de guerrilhas urbanas⁴, motivo pelo qual seria presa na cidade do Rio de Janeiro, em 1970, em uma ação da Operação Bandeirante (Oban), onde permaneceu detida e depois transferida ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de São Paulo. Durante os quase três anos que passou no presídio Tiradentes, após ser condenada por subversão, assim como outros opositores do regime militar, Dilma foi torturada, do que resultaram sequelas físicas e psicológicas⁵.

Logo após deixar a prisão mudou-se para a cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde reiniciou sua vida pessoal, política e acadêmica, ao lado do advogado gaúcho Carlos Franklin de Araújo, seu segundo casamento (com quem teve uma filha chamada Paula em 1976). No ano de 1974, ingressou no curso

³ Utilizamos o verbete biográfico elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) como referência histórica sobre a vida de Dilma Rousseff. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/dilma-vana-rousseff>. Acesso em: 5 fev. 2020.

⁴ Foi nesse período em que conheceu Cláudio Galeno de Magalhães Linhares, também militante clandestino, com quem se casou no ano de 1967.

⁵ Em 2001, durante relato à Comissão Estadual de Indenização às Vítimas de Tortura de Minas Gerais, Dilma revelou que teve um dente arrancado a socos, foi amarrada diversas vezes em um pau de arara e eletrocutada em diversas partes do corpo. Tais violências teriam acarretado sequelas permanentes, como, por exemplo, um problema na glândula tireoide (FAVERO, 2014).

de Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que concluiu em 1977. Nessa mesma época, participou intensamente da campanha pela Anistia e, logo que a legalidade dos partidos foi possibilitada, ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) — liderado pelo político gaúcho Leonel Brizola — junto com seu marido.

No período entre os anos 1980 e 1990 ocupou importantes cargos políticos, respectivamente, atuou como assessora legislativa da bancada do PDT na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, assumiu o cargo de Secretária Municipal da Fazenda na prefeitura de Porto Alegre no período de 1986 a 1988, sendo a primeira mulher a ocupar esse cargo. Nos anos seguintes, foi diretora-geral da Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, permanecendo nessa função até 1990; presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE) de 1991 a 1993; Secretária de Energia, Minas e Comunicações do governo estadual entre 1993 e 1994; editora-chefe da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE) no período de 1995 a 1997; e, novamente, Secretária estadual de Energia, Minas e Comunicações no período de 1999 a 2002.

Devido à ruptura da aliança entre Brizola e o governo Olívio Dutra (PT) em 1999, no qual era secretária de Energia, Dilma decidiu desfilial-se do PDT e, em seguida, filiou-se ao PT no ano de 2001. Em virtude do seu destaque à frente da pasta estadual na área de energia no governo gaúcho, tornou-se a responsável pelo projeto energético do programa de governo do candidato petista à presidência da República, Lula da Silva, em 2002. Após Lula ser eleito presidente em outubro daquele ano, Dilma foi convidada por ele para coordenar a equipe de transição com o governo de Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB).

No novo governo, Dilma assumiu a pasta de Minas e Energia e também foi nomeada presidente do Conselho de Administração da Petrobras. Nesse período, teve papel central na reformulação da capacidade de planejamento da política energética e na implementação de um novo modelo do setor elétrico nacional e, principalmente, na criação do programa Luz Para Todos, com o objetivo de promover a eletrificação rural.

Em 2005, após o chamado escândalo do mensalão⁶, foi escolhida pelo presidente para substituir José Dirceu (político histórico do PT) na chefia da Casa Civil, posto de maior força política e administrativa do governo, o que correspondeu a um acontecimento inédito, pois foi a primeira mulher a ocupar ambos os cargos (Minas e Energia e Casa Civil) desde suas respectivas criações. É importante destacar que o chamado “estilo Dilma” tem sua construção traçada nesse período em que ocupou tais cargos ministeriais. Nessas funções, Dilma sofrera várias formas de violência simbólica e de constrangimento em virtude de seu comportamento e estilo de gerenciar, que era dito duro, impaciente e intolerante.

Apesar de sua presença em postos importantes do alto escalão do governo, a figura de Dilma não era muito conhecida quando se apontou no horizonte a possibilidade de sua candidatura à presidência da República, o que instigava os eleitores a se perguntarem quem seria essa mulher?, conforme aponta Lima (2016). No ano de 2008, a revista britânica *The Economist* publicou um editorial em que comparava Dilma com um bode na sala (expressando a ideia de que sua candidatura era passível de ser negociada para ser retirada dali) e que por ser “pouco conhecida fora dos círculos atentos à política” era inviável para ser candidata (G1, 2008).

Essas questões foram centrais na disputa política durante a campanha eleitoral de 2010, momento em que o processo de construção e desconstrução da figura de Dilma Rousseff foi intenso. De um lado, o Partido dos Trabalhadores calçou sua construção na ideia da ministra braço-direito do Lula, que ajudou o presidente a governar atuando como coordenadora do governo e responsável por gerir os principais programas sociais, da gestora competente e perfeccionista que seria a primeira mulher eleita. O batismo de maior significado simbólico desta consagração foi conferido por Lula ao chamá-la de Mãe do PAC⁷ no lançamento das obras do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, sugerindo que, se eleita, Dilma seria uma espécie de mãe para o povo. Em programa eleitoral exibido em cadeia nacional, Lula se utilizou de elementos e valores vinculados ao gênero feminino para enaltecer a candidata: “Dilma confirma a regra de que mulher faz tudo com muito amor, dedicação e competência” (SEABRA, 2010).

Lima (2016) aponta que as campanhas eleitorais de Dilma se diferenciam das campanhas femininas comumente realizadas, situação em que teríamos a figura da mulher retratada com sutileza, delicadeza: em

⁶ Foi um esquema de repasses de propina para compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional, envolvendo atores políticos dos Correios, do PT, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

⁷ O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), criado em 2007, trata-se de conjunto de políticas econômicas com o objetivo de realizar a retomada do planejamento e investimento de grandes obras de infraestrutura nos setores de energia, habitação, saneamento, mobilidade e recursos hídricos. Para mais informações, ver: <http://pac.gov.br/sobre-o-pac>. Acesso em: 5 jun. 2020.

sua campanha política, Dilma é retratada como uma mulher forte e corajosa⁸. Entretanto, em consonância, constata que há elementos discursivos comuns que recorrem ao apelo de “singularidades do feminino, como, por exemplo, imagens mostrando-a enquanto mãe, avó e dona de casa [...] A sua campanha foi pautada nesses dois eixos: a imagem de uma mulher forte, ao lado da figura maternal” (LIMA, 2016, p.05). Assim, em uma espécie de simbiose, teríamos a gestora eficaz, técnica capacitada, de opinião forte e decisiva, mas ainda carinhosa, afetuosa, zelosa e de coração grande, enfim, uma mãe para os brasileiros.

De outro lado, a oposição (capitaneada pelo PSDB e diversos setores midiáticos *mainstream*) realizava uma outra construção em torno de Dilma: ela era classificada como um “poste do Lula”. Segundo essa narrativa, se fosse eleita, representaria um objeto sem vida, sem autoridade, tutelada pelo ex-presidente Lula da Silva, quem de fato tomaria as decisões no governo. Se faz importante sublinhar que esse enquadramento ao qual submetiam sua figura encontrava dificuldades pelo fato de sua trajetória pública consistir em um elemento impeditivo para que a desqualificassem completamente, assim, passou-se a classificá-la apenas como uma técnica, não uma política, conforme Celi Pinto (2018). A autora destaca que essa (des)classificação, a qual a então candidata foi submetida, “não era diretamente relacionada ao fato de Dilma nunca ter concorrido a cargos eletivos, mas a sua propalada falta de tato para conversar e atender à classe política e aos interesses privados que chegavam até ela na condição de ministra” (PINTO, 2018, p.25). De acordo com Celi Pinto (2018), pensar a trajetória de Rousseff como a de uma técnica não é admissível, principalmente, ao considerar que “sua própria história política tinha uma perspectiva mais política e esquerdizante que o próprio Lula” (PINTO, 2018, p.29).

A despeito de toda disputa, Rousseff recebeu 55 milhões de votos nas eleições de 2010, vencendo José Serra (PSDB) no segundo turno, e tornou-se a primeira mulher presidente da República no Brasil. No primeiro ano de seu mandato, a popularidade da presidenta atingiu a aprovação recorde de 59% (sendo até hoje a chefe do Executivo com maior índice de popularidade em primeiro ano)⁹. Para tanto, no plano simbólico, o governo colocou em prática uma estratégia de “domesticação” da política, na qual buscou realizar a indicação de um ministério composto majoritariamente por mais “técnicos” do que por atores “políticos”. Frente ao governo federal, como difundido ostensivamente pela mídia à época, Dilma realizava uma espécie de faxina ética na Esplanada ao demitir políticos e funcionários — em todos os escalões do Executivo Federal — que fossem alvo de especulações ou indícios de qualquer suspeita de corrupção repercutida pelos meios de comunicação, independente da filiação política destes (inclusive, figuras do próprio PT). Podemos dizer que, nesse primeiro instante, a eficácia desse *modus operandi* teria surtido relativo efeito, principalmente, em virtude de ter agradado parcelas da população de estratos sociais para além do eleitorado petista, como as classes médias tradicionais.

Contudo, mesmo diante disso, é possível identificar que as críticas feitas à Rousseff (e que perpassam os seus dois mandatos), no que se refere ao conteúdo em geral, têm como fio condutor um recorte de preconceito de gênero. Primeiramente, seu estilo é descrito como de uma “micro-gerentona”, ou seja, uma tecnocrata, uma chefe centralizadora, que seria obsessiva compulsiva por trabalho, do tipo bronca, incapaz de confiar na capacidade alheia, insensível com os funcionários e o público ao seu redor¹⁰.

Nesse contexto, uma das principais formas de agressão a que a presidenta foi submetida é relacionada à linguagem. A oratória de Dilma foi alvo ostensivo de piadas e ataques; os críticos até nomearam o modo da presidenta falar como “Dilmês”, que seria uma espécie de idioma próprio, fruto da suposta inaptidão da oratória da presidenta. Acerca do assunto, o jornalista Celso Arnaldo Araújo escreveu o livro *Dilmês: O Idioma da Mulher Sapiens*, no qual propõe realizar uma investigação sintática e política da suposta língua falada pela presidenta. Em seu texto, o autor (2015) sugere que Dilma não apenas não sabe como falar o que pensa, como não sabe o que fala e, portanto, nem poderia governar um país¹¹.

⁸ Durante a campanha de reeleição, em 2014, essa estratégia seria potencializada a partir do mote “Dilma Coração Valente”, “Dilma Guerreira”, acompanhada de imagens dela jovem no período da resistência à Ditadura Militar nos anos 1970.

⁹ Vale frisar que o declínio acentuado dessa popularidade tem seu clímax a partir das Manifestações de Junho de 2013, que levaram milhares de jovens às ruas reivindicando diversas pautas fragmentadas (da implementação do passe livre estudantil até a defesa da não realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil), mas todas marcadas pela negação dos atores políticos em geral e, principalmente, do governo vigente; além do impacto dos escândalos de corrupção na Petrobras deflagrados pela operação Lava-Jato (um conjunto de investigações realizadas pela Polícia Federal).

¹⁰ Parte da mitologia política do Palácio do Planalto, supostos acontecimentos eram recorrentemente vazados e citados pela mídia como prova do estilo insensível e excessivamente controlador da presidenta. Entre esses estariam as ocasiões em que Dilma teria feito ministros e secretários chorarem durante reuniões ordinárias e a sua postura irredutível em fazer as correções das apresentações em PowerPoint dos subordinados (até mesmo as vírgulas). Essas narrativas corroboravam na construção da sua desumanidade, tornando-a uma espécie de monstro intragável em sua torre marfim.

¹¹ Para o jornalista, Dilma tinha uma gravíssima fragilidade mental, que era explicitada através de um puro e castiço modo de falar, o Dilmês, difícil de ser compreendido.

As críticas ao modo de falar de Dilma podem ser compreendidas a partir de nosso referencial teórico apresentado. Conforme aponta Bourdieu (1989, 2008), os agentes e suas respectivas classes sociais se enfrentam em uma luta simbólica para impor uma definição de mundo que está de acordo com seus interesses e buscam por lucros simbólicos que, por sua vez, visam legitimar suas posições no espaço das disposições sociais. Essa se refere a uma luta por aquilo que o autor nomeia “poder simbólico”, o responsável por atribuir a veracidade ou legitimidade de um discurso: se trata de ter o poder “de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo” (BOURDIEU, 1989, p.14).

Dito isto, é importante lembrar uma das primeiras ações de Dilma Rousseff ao assumir o cargo: nos decretos e portarias do governo, nas edições do Diário Oficial, nas cerimônias em que participasse de todas as instâncias da República, constaria a palavra **presidenta**, não mais presidente. Uma situação inédita e que representaria uma revolução cultural deste espaço político até então ocupado somente por homens. Essa mudança — que tem peso político linguístico — encontraria resistência em diversos setores, até mesmo no campo da própria linguística. Nas redes sociais, como uma forma de protesto, os críticos passariam a se referir a Dilma como **presidANTA**¹², um misto entre as palavras presidente com anta, uma clara alusão ao animal associado à estupidez e à burrice (prática que seria intensificada com o avanço da impopularidade e do sentimento de ódio a partir de 2013).

Apesar disso, o ato de Dilma resignificou visceralmente a natureza do cargo, marcando simbolicamente e potencializando a sua posição ao valorizar (a começar pelo modo de tratamento) a figura da mulher em sua gestão. Dizer-se presidenta serviu “de afronta ao poder patriarcal e pode ser elencada entre os fatores que aceleraram o ódio — e também a inveja — despertado pela mulher que se afirmou como presidenta” (TIBURI, 2018, p.108). Ao alterar o jogo da linguagem machista no campo da política brasileira, causou mal-estar à cultura androcêntrica no espaço das estruturas de poder, pois não se submeteu ao lugar social “destinado” às mulheres.

Em entrevista ao portal UOL Notícias, Dilma citou como exemplo do machismo contra ela o costume de adjetivarem seu estilo de gestão como o de uma “mulher dura” e o fato de ouvir das pessoas, com surpresa, que a achavam sensível após conhecê-la. Acerca dessa (des)construção, a presidenta do Brasil afirmou:

Eu fui descrita como uma mulher dura, e sempre disse que era uma mulher dura no meio de homens meiguíssimos [...] eu nunca vi ninguém acusar um homem de ser duro, e a gente sabe que eles são. Muitas vezes disseram para mim: mas você é sensível. Esta afirmação é estarrecedora, porque significa que **conseguiram construir em torno de mim um nível de desumanização muito alto** (ROUSSEFF, 2016, p.73, grifo nosso).

Como defende Vasques (2017), as mulheres dirigentes que não se encaixam no padrão dito masculino sofrem constrangimentos e, em alguns casos, até demissão. A um homem é legítimo ser durão, ser firme; a uma mulher é legítimo ser dócil, submissa. Assim, excessos de espontaneidade são criticados em ambientes empresariais. Os achados do autor estariam em homologia com o tratamento que Dilma recebeu da imprensa, por não se enquadrar no padrão dito feminino, por ir além do que é permitido às mulheres.

Assim, Dilma trilhou uma trajetória singular na política brasileira, ocupando cargos (municipais, estaduais e federais) historicamente ocupados estritamente por homens. Os cargos comumente acessados pelas mulheres são voltados à assistência social, ao meio ambiente, aos direitos humanos e à família, áreas vinculadas ao cuidado do social. Lembramos que cuidar do outro é uma especificidade feminina, segundo o senso comum. Por outro lado, os cargos ligados às finanças, gestão orçamentária, infraestrutura e coordenação política (tidos como assunto sério, “coisa de macho”) são espaços naturalmente ocupados por homens.

Seguindo esse raciocínio, Zelizer (2009) demonstra que o que existe é uma divisão que é não apenas social, mas uma divisão sexual do trabalho e das funções afins, em que, de um lado, as mulheres estariam condicionadas a executar tarefas domésticas e vinculadas ao cuidado (economia do *care*); enquanto os homens estariam condicionados a desempenhar tarefas da vida pública e atividades privadas (finanças, gestão etc.). Essa divisão representaria as dualidades perigosas que permeiam o senso comum e o campo intelectual¹³.

Além disso, a sexualidade sempre foi um fio condutor dos questionamentos e ofensas relacionadas à

¹² Reprodução de como é feita a escrita pelos usuários em redes sociais.

¹³ Segundo a autora (2009), as dualidades perigosas ocorrem quando postulamos a existência de dois mundos que se encontram em oposição, onde as esferas se distinguem e se repelem (como, o Feminino versus Masculino; Privado versus Público; Intimidade *versus* Mercado).

Rousseff durante seus anos em cargos ministeriais e na presidência da República. Durante a campanha de 2010, uma jornalista questionara se Dilma era lésbica. É possível que este questionamento se relacione com o corte curto de cabelo, fora dos padrões ditos femininos; às roupas discretas – os terninhos executivos – utilizados ao longo dos anos na vida pública; ao motivo de Dilma ser divorciada há muitos anos do ex-deputado Carlos Araújo e não ter estabelecido um novo relacionamento oficialmente, enfim, ao fato de não estar acompanhada de um homem.

Em outro momento, a revista *Época* publicou, em agosto de 2015, o artigo intitulado *Dilma e o Sexo*, assinado pelo jornalista e editor, João Luiz Vieira. Na matéria, que foi posteriormente retirada do ar¹⁴, o jornalista atribuiu os problemas políticos e pessoais que a presidenta Dilma Rousseff enfrentava à sua “falta de erotismo” e a classifica como um tipo de “Anti-Jane Fonda”¹⁵. Tais motivos, como a “sexualidade subtraída” e a “falta de sensualidade”, seriam os causadores do agravamento sucessivo da relação conflituosa entre Governo e Congresso e, conseqüentemente, da sua incapacidade em governar. Ao final do seu texto, o jornalista recomenda à presidenta “erotizar-se” como solução para seus impasses políticos. Já em uma outra publicação no jornal *Correio Popular*, o jornalista Joaquim Motta indica que “seria mais fácil se Dilma começasse um namoro” (MOTTA, 2016). De modo direto, o autor sugere que Dilma precisava de sexo, alguém com quem ela “compartilhasse a cama, que acariciasse o seu corpo, motivasse seu espírito, que lhe sussurrasse a verdade do estrago em que vive o Brasil” (MOTTA, 2016). Como consequência, sua alma feminina despertaria e a presidenta passaria a sentir os brasileiros ao invés de enfrentá-los.

Nos casos acima, podemos observar mais uma vez a violência simbólica masculina por meio do senso comum que relaciona o fracasso do seu governo a sua dita falta de sensualidade. Será que a imprensa daria esse tratamento a um presidente? Em nossa perspectiva, a oposição via como legítima as ofensas direcionadas à presidenta sobre seu corpo, seus dentes, estilo de roupa, de cabelo, sua idade e sua sensualidade, isto porque a cultura androcêntrica legítima como inferior o feminino e isso não se altera com a chegada de Dilma ao poder. Ao contrário, sua chegada ao poder ajudou a colocar em evidência o predomínio da cultura machista na sociedade brasileira. Tanto a oposição quanto a imprensa e atores sociais diversos travaram uma luta cotidiana para deslegitimar o feminino e todo o poder que este representa.

AS EXPLOSÕES NERVOSAS DA PRESIDENTE: UMA ANÁLISE DA EDIÇÃO Nº 2417 DA REVISTA ISTOÉ

A revista *IstoÉ*, no dia 06 de abril de 2016, publicou a edição de número 2417 com matéria de capa intitulada *As explosões nervosas da presidente*¹⁶, assinada pelos jornalistas Sérgio Pardellas (chefe-redator da revista *IstoÉ*) e Débora Bergamasco, material que usaremos em nossa discussão. A escolha se deve ao fato de a edição ter gerado grande repercussão à época, sendo alvo de inúmeras críticas, inclusive por parte de setores opositores à presidenta Rousseff. Na referida capa, identifica-se a imagem de Dilma gritando com a face ensandecida e visivelmente furiosa.

Através de uma caracterização negativa, a imagem descreve alguém inepto à sua função, indicando que a presidenta Dilma já não possuía estabilidade emocional (psicologicamente confusa e emocionalmente perturbada) em virtude da pressão do processo de *impeachment*, e, portanto, não era uma pessoa adequada para continuar no mesmo cargo político que assumira. O artigo defendia que para ocupar o cargo mais alto do poder Executivo era inaceitável esse tipo de comportamento:

Em **surtos de descontrole** com a iminência de seu afastamento e **completamente fora de si**, Dilma quebra móveis dentro do palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e **perde (também) as condições emocionais** para conduzir o país” (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p.1, grifo nosso)

O que prevalece nesse enquadramento, segundo Bourdieu (2012), é a visão naturalizada imposta pelos homens sobre as mulheres, postulando estas como seres calmos e sensíveis e que, diante do oposto (nervosas, escandalosas, insensíveis), classificam-nas como absurdas, anormais ou, até mesmo, atribuindo-as alguma externalidade biológica, como a alteração de ânimo devido à oscilação de hormônio, em decorrência do ciclo menstrual, expressa recorrentemente pela máxima: “ela deve estar de TPM” (Tensão Pré-Menstrual).

¹⁴ Para mais informações, ver: <https://bit.ly/3DZzZZk>. Acesso em: 05 fev. 2020.

¹⁵ Renomada atriz norte-americana e ativista política tida como símbolo sexual nos anos 1960.

¹⁶ Para mais informações, consultar: http://istoe.Com.Br/450027_uma+presidente+fora+de+si/. Acesso em: 05 fev. 2020.

Para sustentar a argumentação acerca dos ditos excessos de destempero e instabilidade de Dilma, a matéria da revista IstoÉ recorre a um portfólio de supostos relatos de casos envolvendo a presidenta da República e seus funcionários no governo, que vão de motoristas do carro oficial a ministros de Estado. Como, por exemplo, um episódio envolvendo o ministro da Advocacia-Geral da União, José Eduardo Cardozo, o qual teria experimentado a fúria da presidente, a saber:

[...] A irritação, neste caso, derivou das revelações feitas pelo empresário Ricardo Pessoa, da UTC, sobre as doações a sua campanha à reeleição em 2014 [...] **Na frente de todos, Dilma cobrou Cardozo por não ter evitado que as revelações de Ricardo Pessoa se tornassem públicas dias antes de sua visita oficial aos Estados Unidos, quando buscava notícias positivas para reagir à crise [...]** “Cardozo, **você fodeu a minha viagem**”, bradou a presidente (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p.38, grifo nosso).

Em outra ocasião, Dilma supostamente teria atacado verbalmente de maneira hostil Maria do Rosário, ministra dos Direitos Humanos, a saber:

[...] em 2011, ao debater com Rosário o andamento dos trabalhos da Comissão da Verdade, àquela altura prestes a ser criada pelo Congresso para esclarecer casos de violação de direitos humanos durante a ditadura militar, **Dilma perdeu as estribeiras: “Cale sua boca. Você não entende disso. Só fala besteira”** (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p.39, grifo nosso).

Segundo a revista, não é tão somente contra subordinados diretos que a presidenta mirava sua raiva, como também funcionários de outros escalões, como oficiais militares. Para tanto, relata o suposto caso de uma viagem a bordo do avião presidencial, um Airbus A319, no qual tripulantes e passageiros teriam ficado “estupefatos quando, depois de uma forte turbulência, a presidenta invadiu a cabine do piloto gritando: Você está maluco? Vai se f...! É a presidente que está aqui [...] O que está acontecendo?” (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p.34). Segundo a revista, essa não seria a primeira vez que Dilma “perdia o equilíbrio” durante um voo oficial.

Os casos mobilizados acima compõem os diversos ditos surtos e momentos de catarse — representados pela máxima “fora de si” — que a revista recorre para basear sua narrativa e inferir que a presidenta da República estaria fragilizada e incapaz emocionalmente de exercer a função que ocupava. Em discrepância a esse pensamento sobre as explosões emocionais das mulheres, no caso dos homens, emoções como a raiva, a irritabilidade e a fúria são características bem aceitas e, inclusive, incentivadas. É importante salientar que a masculinidade também é construída socialmente, porém, ao contrário da feminilidade, o conjunto de emoções elencado é tido como aspecto positivo, é um dom para a maioria dos homens que se enquadram nesse gênero, uma vez que desde pequenos são criados para seguir um comportamento agressivo (a figura do bravo, do guerreiro, do herói), para afirmar (recorrentemente) sua masculinidade e aumentar a eficácia das suas práticas de dominação¹⁷.

Inspirados em Bourdieu, Jardim e Moura (2017) demonstram em estudo sobre as interações sociais no mercado de aplicativos para o afeto que existe uma tensão contínua nas relações sociais constituídas entre homens e mulheres. Nas relações sociais e afetivas, para serem aceitas e legitimadas, as mulheres se utilizam de “estratégias de submissão a alguns códigos machistas” (JARDIM; MOURA, 2017, p.189).

DOMINADOS REPRODUZEM A DOMINAÇÃO: “MULHERES MACHISTAS” CONTRA DILMA

Um ponto polêmico da obra de Bourdieu (2012) é relacionado ao que ele descreve como a reprodução da dominação pelo dominado, isto é, em certa medida, o reconhecimento sobre seu lugar de submissão via violência simbólica. No nosso tema, isso pode ser ilustrado em situações nas quais existe o que chamaremos de mulher machista, isto é, mulheres que, por serem inseridas em um contexto de dominação masculina, acabam por reproduzir as mesmas práticas e códigos de dominação as quais sempre lhe foram impostas.

Esse referencial teórico nos ajuda a interpretar o fato de ter uma mulher assinando a reportagem *As explosões nervosas da presidente*, que apresenta ainda um tópico intitulado *As diabruras de “Maria, a Louca”*, assinado por Antonio Carlos Prado. A seção em questão se utiliza do caso da rainha de Portugal, Maria Francisca Isabel

¹⁷ No senso comum, é natural e esperado que os homens sejam duros, convictos, intransigentes e explosivos, essas são classificadas como “qualidades virtuosas” para profissionais masculinos. Contudo, não seria um comportamento normal quando praticado por mulheres.

Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana de Bragança, mãe de dom João IV, que ficou popularmente conhecida como Maria I, a Louca, no fim do século 18, por dizer “ver o corpo de seu pai ardendo feito carvão, quando adversários políticos da Casa de Bragança tentavam alijá-la do poder; [quanto mais pressionada] mais a sua consciência se obnubilava, até que finalmente foi impedida de qualquer ato na Corte” (PARDELLAS; BERGAMASCO, 2016, p. 39). O argumento visa atestar que as ingerências da presidenta Dilma não eram exclusividades do nosso tempo e que tais comportamentos ditos históricos, enlouquecidos e descontrolados eram comuns a governantes antepassados que se encontravam na iminência de perder o poder (ressalta-se o fato de não ser citado sequer um nome masculino, apenas de governantes mulheres).

Em seguida, para legitimar sua tese, Pardellas e Bergamasco citam o modelo de interpretação da psiquiatra suíça Elisabeth Kübler-Ross (conhecido como Modelo de Kübler-Ross) que visa a compreensão da evolução do enlutado e descreve cinco estágios (estados mentais) pelos quais as pessoas transitavam ao lidar com a perda ou a iminência dela: a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Com base nesse modelo, os autores da matéria da revista *IstoÉ* realizam o diagnóstico de que Dilma estaria oscilando entre os dois primeiros estágios, a saber: a negação da realidade e a raiva. Para tanto, os autores mobilizam casos em que a presidenta rejeitava sistematicamente a hipótese de seu impedimento diante da preocupação de apoiadores e membros do governo com o cenário que se formava. Por esse motivo, concluem que era necessária a saída de Dilma da presidência e seu direcionamento ao tratamento psiquiatra: fora de si, Dilma estaria louca.

Não foi somente esse episódio de mulheres contra Dilma que chamou nossa atenção. Outro caso significativo aconteceu após o início do segundo mandato de Dilma Rousseff no ano de 2015, quando o governo alterou sua política econômica, priorizando a política de ajuste fiscal (corte de gastos e aumento de impostos) e implementou medidas impopulares, como, por exemplo, o reajuste de preços dos combustíveis. Essas medidas geraram inúmeros protestos e paralisações em estradas e rodovias realizadas por caminhoneiros, assim como críticas massivas ao governo por todas as redes sociais. Assim, em julho de 2015, começaram a circular adesivos produzidos para serem colados na entrada do tanque de gasolina dos carros que, quando abastecidos, passavam a ideia de que a bomba de combustível estaria penetrando sexualmente Dilma, que aparece de pernas abertas. Como repercutido, era a “forma de protesto” articulada diante do reajuste tarifário, do baixo crescimento, da alta de preços. Segundo dados informados pelo Mercado Livre à Secretaria de Política para Mulheres¹⁸, o vendedor responsável pelo anúncio e comercialização dos produtos era uma mulher, oriunda da cidade de Recife no estado de Pernambuco. Nesse aspecto, como nos mostra Bourdieu (2005), não é de se espantar a ascensão do ódio por parte da sociedade em geral e também por parte das mulheres, incomodadas com a presença de Dilma, pois, ao largo do processo em que tal forma de dominação se instaura, faz-se necessário “que o dominado aplique aos atos do dominante (e a todo seu ser) estruturas de percepção que sejam as mesmas que as que o dominante utiliza para produzir tais atos” (BOURDIEU, 2005, p.168). Ou seja, para que o machismo se mantenha, faz-se necessário o trabalho não somente dos homens, mas ainda, e sobretudo, das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste capítulo foi entender que o dito “estilo Dilma” não se trata de um caso isolado e excepcional, mas o resultado das relações de poder que afetou, de forma visível, a primeira presidente mulher do Brasil e o avanço simbólico mais significativo nas últimas décadas, em termos de igualdade de gênero. A análise apresenta um exemplo empírico da violência simbólica exercida pela dominação masculina que se encontra arranjada e categorizando a ordem natural das coisas.

Vale enfatizar que o termo “histórica”, usado para fazer referência às ações da então presidenta da República, não se trata de uma expressão linguística inocente, bem-intencionada, nem típica de indignação cívica, mas é fortemente carregada de significado na medida em que adjetivos dessa ordem são usualmente atribuídos às pessoas do sexo feminino. A forma de tratamento e de elaboração da crítica, quando dirigida às mulheres que ocupam posições em espaços de poder, está enraizada no fato delas serem mulheres e não unicamente pelos

¹⁸ Os adesivos eram comercializados pelo Mercado Livre, uma famosa plataforma de vendas. A vendedora justificou que os produtos teriam sido postados por seu ex-marido. Na seção de comentários da página do produto, alguns usuários elogiaram a iniciativa e sugeriram que a vendedora fizesse outros adesivos, como, por exemplo, com a imagem do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Apesar disso, houve críticas contra o produto com a seguinte frase: “Esse troço é preconceituoso e ofensivo” (VEJA SÃO PAULO, 2015). Para maiores informações, ver: <https://vejasp.abril.com.br/blog/cidade/anuncio-de-adesivo-com-montagem-de-dilma-foi-feito-por-uma-mulher/>. Acesso em 5.6.2020.

seus atos do ofício, enquanto os homens seriam criticados pela falta de ética ou má gestão. E ainda, a maior ofensa que poderia ser vinculada ao seu gênero se deveria ao fato de ser concebido ou casado a uma dita “mulher da vida”.

Por ter se tornado a primeira mulher eleita duas vezes Presidenta do Brasil, a trajetória de Dilma mostra a ocorrência de um escape às estruturas sociais brasileira. Por outro lado, coloca em evidência o sentimento de incômodo, como a raiva e o ódio intenso que foram alimentados em torno da figura dela e disseminados via manifestações públicas diversas. Lembramos mais uma vez Bourdieu (2012), para quem a feminilidade se mede pela arte de se fazer pequena, em que as mulheres são mantidas em uma espécie de cerco invisível, enquanto os homens são espaçosos e expansivos. A perseguição a Dilma explica-se por que ela não se submeteu à arte de se fazer pequena ao transgredir todas as regras e todos os sentidos de lugares impostos pela sociedade. Ao invés de se fazer pequena, tornou-se grande, mas não pela submissão ou docilidade, mas pela transgressão de regras, padrões e comportamentos. Revelou que uma mulher pode romper as dicotomias impostas pela cultura androcêntrica, pode ser forte e frágil, delicada e agressiva. Ao representar a subversão da ordem estabelecida e das formas dominantes de classificação do mundo social, sua existência constitui uma afronta ao *status quo* da realidade como a conhecemos.

Por fim, podemos inferir que a natureza do chamado “estilo Dilma” não se trata sequer de uma questão de estilo, mas constitui-se um enquadramento singular, um produto da dominação masculina, uma forma de violência simbólica construída em torno de figuras femininas que ousam exercer cargos executivos e de liderança. A narrativa que busca construí-la como uma mulher estereotipada, incapaz emocional e fisicamente para exercer a função de chefe de Estado (pelo fato de ser mulher), explicitada aqui por meio da matéria da revista IstoÉ, reforça essa crença através da estratégia de desqualificar e constranger a mulher nesse lugar social ocupado por Dilma, ou seja, na vida pública.

Nessa visão, se outrora dura e insensível, agora Dilma não passaria de uma histórica, fora do eixo e incapaz de gerir o País, ocupando um espaço que não lhe pertencia, um ser desumanizado e descontrolado, arrolado por um processo de *impeachment* (representado pela máxima “Tchau, querida”) que, em última instância, operou como um processo de deslocamento da presidenta para fora do campo do poder, com vistas a corrigir o dito deslocamento social, e que decretou simbolicamente a sentença: mulher não pode!

AGRADECIMENTOS

Esse artigo foi escrito a partir de resultados de uma pesquisa mais ampla financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2017/09816-4. Agradecemos à agência pelo apoio indispensável.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. **Dilmês: O idioma da mulher sapiens**. 1. ed., Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p.160.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer**. 2 ed., São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Edições, Sociedade Unipessoal, 2003.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. 7 ed., Campinas: Papyrus, 2005.
- FAVERO, D. Dilma conta como teve dente arrancado a socos por torturador. Terra, 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/dilma-counta-como-teve-dente-arrancado-a-socos-por-torturador,b-c0dc17c8e93a410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em 17.02.2020.

G1. Para 'Economist', Dilma pode ser 'bode na sala' para 2010. G1, 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL387744-5601,00.html>. Acesso em 27.03.2018.

JARDIM, M. A. C. Domesticação e/ou Moralização do Capitalismo no Governo Lula: Inclusão Social Via Mercado e Via Fundos de Pensão. **Dados** (Rio de Janeiro), v. 52, p. 157-182, 2009.

JARDIM, M. A. C.; MOURA, P. J. C. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista TOMO**. v.1, n. 30, p. 151-196, 2017.

LIMA, E. C. A. A construção da imagem pública de Dilma Rousseff no ciberespaço: misoginia, estereótipos e relações de gênero. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 30 ed., 2016. **Anais [...]** João Pessoa: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p.01-20.

MOTTA, J. Uma Pessoa pra Namorar a Dilma. Correio Popular. Disponível em: http://correio.rac.com.br/conteudo/2016/03/colunistas/joaquim_motta/419380-uma-pessoa-pra-namorar-a-dilma.html. Acesso em 13.06.2019.

BERGAMASCO, D. PARDELLAS, S. Uma Presidente Fora de Si. Revista IstoÉ, Brasil, Edição nº 2417, abril, 2016. Disponível em: http://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em 15.06.2020.

PINTO, C. R. J. Dilma - uma mulher política. In: RUBIM, L. O.; ARGOLO, F. (Org.). **O Golpe na perspectiva de Gênero**. 1ed., Salvador: EDUFBA, v.1, 2018, p. 23-33.

ROUSSEFF, D. Pronunciamento de Dilma Rousseff em 25 de agosto de 2016. Brasília: **Diário do Senado Federal**, nº139, p.167-183, 2016. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/425643>. Acesso em 23.07.2020.

SEABRA, C. PSDB revê tática e vai ao TSE contra PT. Folha de São Paulo, 06.01.2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0601201011.htm>. Acesso em 24.07.2020.

TERRA. Governo faz denúncia ao MP de adesivo com ofensa a Dilma. Terra, 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d-42f654bee769de9sgleRCRD.html>. Acesso em 13.12.2019.

TIBURI, M. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. In: RUBIM, L. O.; ARGOLO, F. **O Golpe na perspectiva de Gênero**. 1 ed., Salvador: EDUFBA, v. 1, 2018, p.105-116.

VASQUES, L. As Mulheres Executivas e Suas Emoções na Doxa Empresarial Brasileira: Uma Análise a Partir da Sociologia Econômica. In: Congresso de Iniciação Científica (CIC), 30 ed., 2017. **Anais [...]** Araraquara: UNESP, 2017, p.1-1.

VEJA SÃO PAULO. Anúncio de adesivo com montagem de Dilma foi feito por uma mulher. Veja São Paulo, 2015. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/cidade/anuncio-de-adesivo-com-montagem-de-dilma-foi-feito-por-uma-mulher/>. Acesso em 13.12.2019.

ZELIZER, V. A. Dualidades perigosas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.237-256, 2009.